

## COMBINAÇÃO DE ORAÇÕES HIPOTÁTICAS ADVERBIAIS CAUSAIS EM ELOCUÇÕES FORMAIS

Simone Maria Barbosa Nery NASCIMENTO  
Universidade Estadual de Maringá  
[simoneuem@gmail.com](mailto:simoneuem@gmail.com)

**RESUMO:** Este trabalho, recorte de dissertação de mestrado, tem como objetivo analisar a transitividade e os planos discursivos na combinação entre orações hipotáticas adverbiais causais e suas respectivas orações-núcleo em elocuições formais. A pesquisa fundamenta-se na proposta de Hopper & Thompson, *Transitivity in grammar and discourse* (1980), que utiliza 10 parâmetros sintático-semânticos quais indicam o grau de transitividade de orações. Os parâmetros foram aplicados às 127 combinações encontradas no corpus. Foram analisados também aspectos como o estatuto informacional e a posição das orações. O *corpus* da pesquisa é constituído de 10 elocuições formais pertencentes ao banco de dados do Funcpar (Grupo de Pesquisas Funcionalistas do Norte/Noroeste do Paraná). Em geral, percebeu-se que os falantes utilizaram as orações adverbiais causais como recurso para a explicitação do conteúdo, no sentido de explicar, de detalhar, enfatizar ou até mesmo reforçar a ideia do que foi exposto nas orações-núcleo. No que diz respeito ao estatuto informacional das orações causais, constatou-se a recorrência de orações com informação nova. Observou-se que a maioria das ocorrências de orações causais com informação nova e posposta acontece como forma de reforçar a ideia do conteúdo expresso na oração-núcleo. Nesse sentido, acredita-se na vinculação desses fatores aos relevos discursivos das orações.

**PALAVRAS-CHAVE:** transitividade, planos discursivos, combinação de orações, hipotaxe adverbial causal.

### 1.Introdução

Partindo da ideia de que é no uso que as entidades linguísticas exercem suas funções, pretende-se, neste trabalho, investigar a maneira como o falante utiliza a língua para organizar seus discursos por meio da transitividade. Os funcionalistas norte-americanos Hopper & Thompson (1980) sugerem que, por meio da análise de 10 parâmetros sintático-semânticos<sup>1</sup>, aplicados a orações, é possível identificar em narrativas algumas porções de texto que se sobressaem em relação a outras porções, estabelecendo os planos discursivos *figura e fundo*.

---

<sup>1</sup> Cf. item 2.3

Segundo Dik (1997), autores têm sugerido que as diferenças entre orações principais e subordinadas podem ser caracterizadas em termos de informação de primeiro plano (figura) e informação de segundo plano (fundo), ou informação asseverada *versus* informação pressuposta, o que significa que uma construção se correlacionaria com uma diferença na função pragmática.

Neves (1999, p.461) também expõe que, para a construção causal, existe uma definição de que “é a que ressalta o fato de o segmento que expressa a causa ser uma *pressuposição*, e, portanto, constituir o *fundo*, ou seja, a parte recessiva do significado, e a parte 'causada' da construção ser dominante, isto é, ser a *figura*”.

Decat (2001) discute, ao tratar do papel funcional-discursivo da hipotaxe adverbial, se uma oração adverbial está constituindo realce, especificando, emoldurando a informação dada em outra porção de discurso pelo acréscimo de informações circunstanciais, ou, por outro lado, se ela tem funções de conexão discursiva.

Com base nesses pressupostos, o presente trabalho pretende analisar a transitividade verbal e os planos discursivos em combinações hipotáticas causais. A hipótese é a de que as orações causais servem de fundo para as suas orações-núcleo, ou seja, acredita-se que, ao serem aplicados os parâmetros sintático-semânticos postulados por Hopper & Thompson (1980) à oração núcleo e à oração hipotática adverbial causal, apresentarão menor transitividade as orações causais.

Para tal investigação, o trabalho se fundamenta na teoria linguística funcionalista, pois essa abordagem tem seu interesse em investigações reais de uso da língua e o objetivo de estudar a função de itens gramaticais nas situações comunicativas.

Para o estudo sobre transitividade e planos discursivos, baseia-se nos procedimentos postulados por Hopper & Thompson (1980). Os autores afirmam que a transitividade é concebida como uma atividade escalar, contínua, não inerente ao verbo, mas manifestada na totalidade da oração. Dessa forma, a complexidade do conceito de transitividade reside no fato de que os dez parâmetros sintático-semânticos estão relacionados ao evento no qual um agente animado intencionalmente causa uma mudança física em um objeto. São eles: participantes, cinesa, aspecto verbal, pontualidade verbal, agentividade do sujeito, intencionalidade do sujeito, polaridade da oração, modalidade da oração, afetamento do objeto e individuação do objeto.

Apresentar-se-ão os fundamentos da teoria funcionalista, em seguida, as considerações gerais sobre transitividade verbal para. Posteriormente, o trabalho analisa a transitividade em combinações oracionais. Por fim, apresentam-se as considerações finais obtidas no trabalho.

## 2. Pressupostos Teóricos

De acordo com Butler (2005), o termo funcionalismo é utilizado para rotular diversas teorias linguísticas que se opõem ao formalismo. Isso significa que, mesmo dentro da teoria, existem diferentes abordagens. Segundo Nichols (1984), as abordagens são caracterizadas como funcionalismo conservador, funcionalismo moderado e funcionalismo extremado ou selvagem. O primeiro, sem estabelecer um modelo de análise da estrutura, aponta apenas para a inadequação do formalismo. As teorias pertencentes ao segundo grupo propõem um modelo de análise que leva em conta fatores pragmáticos na análise da estrutura. Por fim, o funcionalismo extremado nega a realidade da estrutura linguística, considerando a gramática altamente motivada pelo discurso.

No entanto, apesar das diferenças, existe um ponto em comum entre as abordagens funcionalistas: reunir os diversos componentes da linguagem separados pelo formalismo. Esses componentes são propriedades que implicam relações com os constituintes referentes à construção em que ocorrem. As relações funcionais, portanto, distribuem-se em três diferentes níveis: a sintaxe (perspectiva formal da qual se apresenta o “estado de coisas” na expressão linguística, como *sujeito* e *objeto*) em relação à semântica (que especifica os papéis desempenhados pelos referentes dentro do “estado de coisas”, como *agente*, *paciente* e *meta*) e à pragmática (especificam o estatuto informacional dentro do contexto de comunicação, como *tópico*, *foco*, e *figura e fundo*).

Uma gramática de base funcionalista verifica o uso das expressões linguísticas na interação verbal. Isso significa que, além de considerar a língua como um instrumento de comunicação em suas diversas situações de uso, as estruturas linguísticas são analisadas sob o ponto de vista funcional. Nesse sentido, os estudos de uma língua natural baseados em abordagens funcionalistas têm como interesse examinar o modo como os usuários da língua se comunicam eficientemente, considerando as estruturas das expressões linguísticas como configurações de funções, sendo cada uma vista como um diferente modo de significação na oração.

Para sintetizar a concepção funcionalista da linguagem, no entanto, Givón (1995) caracteriza a vertente em nove itens: a linguagem é uma atividade sociocultural; a estrutura serve a funções cognitivas e comunicativas; a estrutura é não-arbitrária, motivada, icônica; mudança e variação estão sempre presentes; o sentido é contextualmente dependente e não-atômico; as categorias não são discretas; a estrutura é maleável e não rígida; as gramáticas são emergentes; as regras de gramática permitem algumas exceções.

Dentre as várias questões gramaticais estudadas pelo funcionalismo, estão a transitividade verbal, os planos discursivos e a articulação de orações, temas deste trabalho. No entanto, na exposição a seguir, encontram-se, em primeiro lugar, algumas considerações gerais sobre a transitividade e, em seguida, as bases teóricas que dão suporte à investigação.

## **2.1 Transitividade Verbal**

A transitividade verbal tem sido investigada sob perspectivas teóricas que vão desde as que consideram, na gramática da língua, apenas aspectos formais, que se configuram em regras da sintaxe, até as que têm por objetivo básico o enfoque na instrumentalidade da linguagem em situações reais de uso. Nessa perspectiva, a semântica e a pragmática são dimensões constitutivas da linguagem.

Neste trabalho, a transitividade é investigada a partir da perspectiva funcionalista norte-americana, que, desencadeada na costa oeste dos Estados Unidos, nos anos 1970, e tendo como principais figuras Paul Hopper e Sandra Thompson, prioriza a função comunicativa.

A proposta de análise da transitividade formulada por Hopper & Thompson (1980) é entendida como uma propriedade contínua, escalar, não inerente ao verbo, mas manifestada na totalidade da oração. Cunha et al (2003, p.38-39) afirmam que a complexidade do conceito de transitividade reside no fato de que existem dez parâmetros sintático-semânticos (Quadro 01) que estão relacionados ao evento no qual um agente animado intencionalmente causa uma mudança física em um objeto. Isso significa que o contexto discursivo-pragmático é fundamental na aferição da transitividade oracional.

Conforme Hopper e Thompson (1980), os componentes da transitividade se caracterizam, portanto, a partir dos parâmetros:

**1) Participantes:** Não há transferência a menos que dois participantes estejam envolvidos.

**2) Cinese:** Ações podem ser transferidas de um participante para outro, estados não. Dessa forma, em *Eu abracei Sally*, algo acontece com Sally, mas em *Eu admiro Sally*, nada acontece.

**3) Aspecto:** Uma ação vista do seu ponto final, isto é, uma ação télica, é mais efetivamente transferida para um paciente do que uma ação não terminada. Na oração télica *Eu comi sanduíche*, a atividade é vista como completa e a transferência é totalmente realizada; mas na oração atélica *Eu estou comendo o sanduíche*, a transferência é realizada apenas parcialmente.

**4) Pontualidade:** Ações realizadas sem nenhuma fase de transição óbvia entre o início e o fim têm um efeito mais marcado sobre seus pacientes do que ações que são inerentemente contínuas. Por exemplo: o verbo *chutar* é pontual em contraposição ao *carregar* que é não-pontual.

**5) Intencionalidade:** O efeito sobre o paciente é tipicamente mais aparente quando a ação do agente é apresentada como proposital. Por exemplo, *Eu escrevi seu nome* (intencional), em contraste com *Eu esqueci seu nome* (não-intencional).

**6) Polaridade:** As orações afirmativas podem ser transferidas e as negativas não. Por exemplo: *O menino não comeu o sanduíche*.

**7) Modalidade:** Refere-se à distinção entre a codificação “realis” e “irrealis” de eventos. Uma ação que não ocorreu, ou que é apresentada como tendo ocorrido em um mundo não-real, incerto, ou que expressa um evento hipotético, é obviamente menos efetivo do que aquela cuja ocorrência é de fato asseverada como correspondendo a um evento real.

**8) Agentividade:** Participantes que têm agentividade alta podem efetuar a transferência de uma ação de um modo que participantes com baixa agentividade não podem. Assim, a interpretação normal de *George me assustou* é de um evento perceptível com conseqüências perceptíveis, mas *O quadro me assustou* poderia ser somente uma questão de estado interno.

**9) Afetamento do Objeto:** O grau em que uma ação é transferida para um paciente é uma função de quão completamente esse paciente é afetado. Assim, por exemplo, o afetamento é mais efetivo em *Eu bebi o leite todo* do que em *Eu bebi um pouco do leite*.

**10) Individuação do Objeto:** Esse componente se refere tanto ao fato de o paciente ser distinto do agente quanto à distinção entre o paciente e o fundo em que ele se encontra. Dessa forma, os referentes dos substantivos com propriedades de substantivo próprio, humano e animado, concreto, singular, contável e referencial ou definido são mais altamente

individuos do que aqueles com substantivos que contêm propriedades contrárias às referidas acima.

Cada um desses parâmetros contribui para a ordenação de orações em uma escala de transitividade. São mais transitivas as orações que possuem mais parâmetros da escala da alta transitividade (parâmetros marcados positivamente), e menos transitivas as orações com menos parâmetros da alta transitividade, conforme o quadro abaixo.

Segundo Hopper e Thompson (1980, p. 253), “uma ação pode ser mais efetivamente transferida para um paciente que é indivíduo do que para um que não é”, portanto, um objeto definido é considerado como mais completamente afetado do que um objeto indefinido. Por exemplo: em *Fritz bebeu a cerveja*, existe uma possível ou provável implicação de que ele tomou toda a cerveja disponível, mas em *Fritz bebeu alguma cerveja*, não há essa implicação, a não ser que, na situação do evento, havia só a cerveja equivalente ao que bebeu. Da mesma forma acontece com pacientes animados e inanimados: em *Eu me choquei com Charles*, há, provavelmente, um foco de atenção no efeito do evento em Charles, ou talvez em ambos participantes, mas em *Eu me choquei com a mesa*, é menos provável que alguma coisa tenha acontecido com a mesa, e mais provável que o efeito sobre o agente esteja sendo ressaltado.

Cada um desses parâmetros contribui para a ordenação de orações em uma escala de transitividade. Embora independentes, funcionam articulados, determinando o grau de transitividade da oração. Vale ressaltar que orações tradicionalmente consideradas intransitivas, como *Susan partiu*, podem receber, nessa formulação, um grau de transitividade alto por possuir sete traços sintático-semânticos considerados positivos: cinese, aspecto perfectivo, verbo pontual, sujeito intencional, polaridade afirmativa, modalidade realis e sujeito agente (CUNHA e SOUZA, 2007).

Dessa forma, não apenas o verbo, mas toda a oração é classificada como mais ou menos transitiva, dependendo do número de traços marcados positivamente. Nessa perspectiva, a oração transitiva prototípica é a que, em um evento, possui um agente animado que intencionalmente causa uma mudança física e perceptível no estado ou na locação de um objeto. São esses os primeiros eventos que uma criança percebe e codifica gramaticalmente.

Cada uma dessas propriedades caracterizadoras da transitividade está relacionada ao relevo discursivo. Assim, por refletirem elementos cognitivamente importantes, os parâmetros da transitividade assinalam elementos relevantes no discurso.

Hopper e Thompson (1980) consideram que há uma alta correlação entre o discurso e o grau de transitividade da sentença, uma vez que o maior ou o menor grau de transitividade é

determinado pela maneira como o falante estrutura o seu discurso para atingir seus objetivos comunicativos e de acordo com sua percepção das necessidades do ouvinte.

Como a transitividade oracional está relacionada à maneira como o falante organiza seu discurso, observa-se que um texto apresenta distinção entre o que é central e o que é periférico. Sendo assim, o grau de transitividade de uma oração reflete sua função discursiva. Apresentam uma alta transitividade as orações que assinalam a porção central ou dão sustentação ao texto – o que chamamos, em termos de planos discursivos, de figura – enquanto a porção periférica ou com baixa transitividade corresponde ao fundo.

Em uma narrativa, a figura compreende o esqueleto do texto, faz o discurso progredir e apresenta a sequência temporal de eventos concluídos, pontuais, afirmativos, *realis*, sob a responsabilidade de um agente que constitui a comunicação central, enquanto a porção de fundo cobre essa estrutura básica sem fazer parte da coerência estrutural e sem contribuir para a progressão discursiva. O fundo corresponde à descrição de estados, da localização dos participantes da narrativa e à descrição de ações e eventos simultâneos ao plano da figura.

Guillaume (1966 apud PEZATTI, 1994) afirma que nenhum pensamento ou ação seria possível se a percepção apresentasse todas as estruturas possíveis em um só plano, sem relevo psíquico. Pezatti (1994) distingue as porções alegando que o fundo não tem contornos próprios, é uma continuidade amorfa que se estende sob a figura, que, por sua vez, tem uma forma, uma organização, oferecendo uma maior estabilidade. Segundo a autora, quando a figura é mais complicada, a percepção é de uma unidade, um todo, mas um todo articulado, composto de partes ou membros secundários. Dessa forma, o pensamento e a comunicação humana registram o universo individual como uma hierarquia de graus de centralidade/perifericidade conforme os objetivos comunicativos. Ou seja, em qualquer situação de fala, há uma parte do discurso mais relevante que a outra. Existem algumas características constitutivas dos planos discursivos na oração. As orações que constituem o plano figura fazem parte de uma linha principal de progressão do discurso, conservam o mesmo sujeito, introduzindo material novo no predicado; mantêm a continuidade tópica; mostram dinamicidade; em contraste com as orações do plano de fundo que podem estar em qualquer lugar do discurso; contribuem para a montagem do cenário, dão suporte para o desenvolvimento discursivo; possibilitam mudança de tópico e introdução de informação nova, assim como alterações do sujeito; indicam situações descritivas/estáticas/imperfectivo; indicam estado ou situação para o entendimento de motivos e atitudes do falante.

Como a transitividade oracional está relacionada a uma função discursiva, Pezatti (1994) observa as tendências dessas propriedades sintático-semânticas associarem-se a tais planos discursivos.

Segundo a autora, com relação ao traço **participante**, há uma tendência para o fundo estar associado a um único argumento e figura a mais de um, tendo em vista que as partes do discurso que constituem o seu cenário tendem a se expressar por meio de formas verbais que denotam estados, sem que haja movimento de ação de um participante para outro.

Com relação ao traço **cinese**, observa-se que, ao contrário das orações de fundo, cujo verbo é não-cinético, as orações de figura narram eventos e indicam mudança de lugar ou condição.

Quanto ao **aspecto**, predicados télicos fazem parte da figura, uma vez que as orações recontam eventos que seguem uma ordem cronológica, sendo cada um visto em sua totalidade, do começo ao fim. No plano de fundo, os eventos são apresentados como repetidos ou simultâneos aos eventos de figura.

A **pontualidade** refere-se à ausência de uma clara fase transicional entre o início e sua completude. Verbos pontuais contrastam com os durativos, denotando eventos em figura.

**Volitividade e Agentividade** referem-se ao grau de envolvimento do participante na atividade do verbo. Portanto, há uma maior incidência desses traços no plano de figura tendo em vista que os participantes envolvidos iniciam eventos e desempenham ações.

**Modalidade e Polaridade** em eventos narrados implicam afirmação e acontecimentos reais, portanto, há uma raridade de orações negativas em figura.

Com relação à **Afetabilidade e Individuação do objeto**, a afetabilidade total decorre da perfectividade semântica do verbo, correlacionando-se ao plano de figura. A individuação corresponde a objetos definidos e objetos indefinidos são associados a estruturas intransitivas, o que sugere que tal argumento não constitui realmente um objeto, mas um acompanhamento adverbial do verbo.

Assim, no plano discursivo, a partir das dimensões figura e fundo podem ser identificadas mais prontamente as entidades que se apresentam em primeiro plano como figuras bem recortadas e focalizadas, em oposição a tudo o mais, que passa a ser percebido contrastadamente como em plano de fundo.

Cunha et al (2003) testam a possibilidade de aplicação dos parâmetros da transitividade a outros gêneros textuais e demonstram que as noções de figura e fundo podem ser úteis nesses outros gêneros além do gênero narrativo. Mostram que um gênero pode servir de fundo a outro gênero textual. Um trecho narrativo pode servir de fundo em um trecho

maior não narrativo. A seqüência narrativa pode se apresentar como figura em relação à outra não-narrativa de nível inferior.

## **2.2. A articulação de orações sob o ponto de vista funcionalista**

No sentido de verificar o modo como o usuário da língua organiza o discurso, vêm sendo realizados também estudos sobre a articulação de orações. Conforme esses estudos, segundo determinada estratégia, o falante dispõe de orações consideradas satélites, preparando molduras, criando espaços mentais para o conteúdo das predicções nucleares, configurando relevos discursivos.

Um aspecto considerado importante pelo funcionalismo é a combinação entre orações que se integram estruturalmente em outra e, entre orações que não são sujeitas a essa integração. Nesse processo, a preocupação em descrever a relação entre as cláusulas no nível do discurso, segundo Decat (2001), tem levado estudiosos a abandonar o termo “subordinação” e examinar o fenômeno de combinação ou articulação de cláusulas. A autora ressalta que a evidência de que não existe apenas um fenômeno de subordinação e de que existem tipos diferentes de interdependência entre orações levou autores a postular a distinção entre encaixamento - cláusulas que se integram estruturalmente em outra – e hipotaxe, cláusulas que não funcionam como argumentos de verbo. No primeiro caso, enquandram-se, segundo Decat (2001), as cláusulas-complemento e as adjetivas restritivas. No segundo caso, apresentam-se as adverbiais, as participiais e as adjetivas não-restritivas ou apositivas.

Dentre os tipos de articulação por hipotaxe, Decat destaca o que Halliday (1985) chamou de *enhancement* (realce, destaque, embelezamento). Dessa forma, as orações se combinam para modificar ou expandir uma informação contida em outra cláusula ou porção do discurso, manifestada pelas relações circunstanciais, expostas pelas tradicionais cláusulas adverbiais.

Segundo Halliday (1985), existem duas dimensões para a interpretação dos elementos de um complexo: (i) o sistema tático, ou de interdependência; (ii) o sistema de relações lógico-semânticas.

(i) No sistema tático, há dois tipos de interdependência: paratática e hipotática. No primeiro caso, a relação se estabelece entre elementos de mesmo estatuto, sem que um

dependa do outro. No segundo caso, o estatuto dos elementos não é igual, ou seja, um elemento modifica o outro, sendo o modificador dependente do modificado;

(ii) No sistema lógico-semântico, as relações que podem ser estabelecidas entre os elementos de um complexo são de dois tipos fundamentais: expansão e projeção. Pela expansão, uma oração pode expandir a outra de três maneiras: por elaboração; por extensão; por encarecimento.

- Elaboração: uma oração pode expandir a outra reafirmando seu conteúdo com outras palavras, especificando seu conteúdo com maiores detalhes, comentando ou exemplificando seu conteúdo.

- Extensão: uma oração pode expandir a outra acrescentando um novo elemento, apresentando uma exceção, oferecendo uma alternativa.

- Encarecimento ou realce: uma oração pode expandir a outra qualificando seu conteúdo com traços circunstanciais de tempo, de lugar, de causa, de modo, de condição.

Pela projeção, uma oração se projeta sobre a outra, funcionando como representação da própria representação linguística.

No mecanismo do encaixamento, uma oração funciona como complemento de outra oração. A relação da oração encaixada com uma oração externa é indireta, pois o grupo que forma com a oração principal funciona como intermediário nessa relação. Por isso, uma oração encaixada não estabelece relações táticas com outras orações, apenas relações lógico-semânticas.

Portanto, Halliday trata parataxe e hipotaxe como fenômenos, e o encaixamento como mecanismo. Com base na relação entre a taxonomia de Halliday e as categorias da gramática tradicional, podem ser feitas as seguintes observações:

- Na combinação da elaboração com a hipotaxe, aparecem as orações adjetivas explicativas, que têm uma função descritiva em relação à oração primária do complexo.

- Na combinação da parataxe com a extensão, ocorre a coordenação entre orações.

- Na combinação entre parataxe e encarecimento, aparece a coordenação entre orações, mas com traços circunstanciais geralmente indicados por conjunções ou locuções conjuntivas.

- Da combinação entre encarecimento e hipotaxe surgem as orações conhecidas tradicionalmente como “adverbiais”. A oração dependente expressa notações de tempo, espaço, modo, causa, condição, introduzidas por preposições, conjunções ou locuções conjuntivas hipotáticas.

- Na combinação de parataxe e projeção, aparece o discurso direto (ou citação). Por outro lado, da combinação de projeção com hipotaxe surge o discurso indireto.

- O encaixamento, ou integração, engloba as orações tradicionalmente conhecidas como subordinadas substantivas, em que a oração encaixada é exigida pela semântica do predicado, e subordinadas adjetivas restritivas, em que a oração encaixada é uma complicação de um tema.

Segundo Neves (1997), uma das mais importantes contribuições do funcionalismo para o estudo da articulação de orações é “a valorização da participação do falante na organização de seu enunciado, para expressar as relações aí envolvidas”. Isso permite que se explique a diferença pragmática entre a anteposição e a posposição de orações adverbiais em relação à oração-núcleo, podendo-se identificar, assim, a função da posição da oração adverbial na ancoragem de informações.

Segundo Neves (2000, p. 808), “a distribuição da informação é bastante ligada à ordem das palavras, e, no caso das construções causais, levados em conta todos os tipos de conectivo, essa questão é complexa”.

Sobre questões relacionadas à informação, Chafe (1976) diz que as unidades entonacionais, ou seja, sequência de unidades que constituem a fala, codificam as ideias, conceitos, as peças de informação que estão sendo focalizadas pelo falante naquele momento do discurso oral. Essas peças de informação podem ser encontradas no estado ativo – aqueles que se encontram no foco de consciência do falante; semi-ativo – encontram-se na consciência periférica; e inativo – na memória de longo termo. Uma informação ativa que esteja no foco da consciência do falante corresponde à informação dada. Esses conceitos podem mudar de estado. Dessa forma, um conceito previamente ativo, antes de se tornar inativo, pode permanecer na memória periférica por um tempo, no estado semi-ativo. A esse estado corresponde a informação acessível. Os conceitos inativos, por sua vez, conceitos que não foram ativados nem pelo discurso anterior, nem pela presença de um referente no contexto de situação, correspondem à informação nova.

Com base nos pressupostos teóricos expostos, no capítulo de análise deste trabalho, além da transitividade e dos planos discursivos nas combinações oracionais, serão considerados os fatores relacionados ao estatuto informacional e posição.

### **3. Procedimentos metodológicos**

O *corpus* desta pesquisa é constituído de 10 elocuições formais que fazem parte do *corpus* do Funcpar (Grupo de Pesquisas Funcionalistas do Norte/ Noroeste do Paraná) e sua coleta seguiu alguns critérios. Os informantes da pesquisa são professores e alunos universitários de Maringá (PR) que nasceram na cidade ou residem nela há mais de 10 anos. As gravações foram feitas durante aulas de graduação e apresentações de trabalho, motivo pelo qual se espera um alto grau de formalidade nos textos. Por isso, há poucas marcas de interação, o professor ou apresentador de trabalho em geral responde a perguntas feitas pelos alunos ou pela audiência. Esses textos também têm um início bem marcado com a apresentação dos objetivos da aula ou do trabalho, bem como um encerramento no qual os objetivos da aula seguinte são antecipados.

As elocuições formais foram transcritas alfabeticamente seguindo-se um padrão baseado nas normas do projeto NURC (PRETI, 1993: 11-12) com algumas adaptações e segmentadas em unidades de entonação. Segundo Chafe (1987), a fala espontânea não é produzida em um fluxo contínuo, mas em uma série de breves jorros que expressam a informação que está sendo focalizada pela consciência no momento da enunciação.

#### **4. Análise do dados**

Sobre o funcionamento das orações adverbiais no discurso, como aponta Dik (1997), autores têm sugerido que as diferenças entre orações principais e subordinadas podem ser caracterizadas em termos de informação de primeiro plano (figura) e informação de segundo plano (fundo), ou informação asseverada *versus* informação pressuposta, o que significa que uma construção se correlacionaria com uma diferença na função pragmática.

No tocante aos planos discursivos, segundo a transitividade, os resultados da pesquisa demonstram que predominam as orações-núcleo funcionando em primeiro plano (figura) e as adverbiais causais em segundo plano (fundo) nas elocuições formais, conforme a hipótese inicial do trabalho. Sabe-se que os planos de figura, conforme os parâmetros da transitividade, são aqueles altamente transitivos, que possuem um alto grau de transitividade, enquanto os planos de fundo são os menos transitivos, com baixa transitividade (cf.item.2.3).

Conforme o quadro 02, das 127 combinações oracionais analisadas, 62,2% apresentam maior transitividade na oração-núcleo, enquanto apenas 20,5% delas apresentam maior

transitividade na oração causal. Em 17,3% das combinações, oração núcleo e oração causal se assemelham na quantidade de parâmetros.

Por meio do exemplo 1, pode-se ilustrar o funcionamento dos planos discursivos nas combinações:

- (01) .. *isso .. falam checapi,*  
.. *porque o tche só ocorre diante de i.*

Ao analisar a transitividade das combinações acima, constatou-se que todas as orações causais possuem, em menor grau, a quantidade de parâmetros positivos, isto é, servem de *fundo* para as orações-núcleo, que são mais transitivas.

No exemplo (01), a oração-núcleo apresenta 07 parâmetros da transitividade marcados positivamente: participantes, sendo 02 (*as pessoas*-objeto anafórico<sup>2</sup>, *checapi*-objeto efetuado); verbo de ação (falar); pontualidade do verbo (pontual); intencionalidade do sujeito (intencional); agentividade do sujeito (agentivo); polaridade da oração (afirmativa); modalidade da oração (realis-modo indicativo); afetamento do objeto (ob. efetuado<sup>3</sup>). Na oração adverbial causal apenas a modalidade da oração e a polaridade da oração são marcadas positivamente.

Verificou-se que as orações causais codificam menos parâmetros positivos do que as orações-núcleo, portanto, as circunstâncias pragmáticas que coordenam os eventos fazem que as orações-núcleo fiquem em primeiro plano, como sendo as mais relevantes. Os exemplos demonstram que as orações causais acrescentam informações novas, realçando, explicando ou complementando o conteúdo da oração núcleo. Além dos exemplos verificados, a ideia de se acrescentar informação adverbial, é confirmada na análise realizada sobre o estatuto informacional das orações causais.

No exemplo (01), a causal .. *porque o tche só ocorre diante de i* explica o que acontece na palavra inglesa *check up* pronunciada por brasileiros, ou seja, a informação geral contida na oração núcleo é de que falam *checapi*, e essa informação por si só estaria com o sentido completo, no entanto, trata-se da exposição do conteúdo de uma apresentação de trabalho em que a explicação ou a informação a mais, que vem na causal, torna-se imprescindível.

---

<sup>2</sup> Para Cunha & Souza (2001, p.48), são os objetos contextualmente recuperáveis.

<sup>3</sup> Cunha & Souza (2001,p.45) dizem que o objeto direto de um verbo de enunciação como *falar* é criado pela ação do verbo, e não transformado, como acontece com os outros verbos de ação.

Esses dados confirmam o exposto por Neves (1999, p.461), que diz que, para a construção causal, existe uma definição de que “é a que ressalta o fato de o segmento que expressa a causa ser uma *pressuposição*, e, portanto, constituir o *fundo*, ou seja, a parte recessiva do significado, e a parte 'causada' da construção ser dominante, isto é, ser a *figura*”.

Dentre os tipos de articulação por hipotaxe, Decat também destaca o que Halliday (1985) chamou de *realce*, *destaque*, *embelezamento*. Dessa forma, as orações se combinam para modificar ou expandir uma informação contida em outra cláusula ou porção do discurso, manifestada pelas relações circunstanciais, expostas pelas cláusulas adverbiais. De acordo com sistema de relações lógico-semânticas (cf.item 2.5), pode-se dizer que as orações-núcleo analisadas foram expandidas pelas orações causais pelo processo de encarecimento.

Por sua vez, as combinações em que as orações causais funcionam como figura, ou seja, têm um maior grau de transitividade do que os seus núcleos, justificam-se pelos eventos não realizados nas orações-núcleo. Em 73% dessas combinações, as orações-núcleo são negativas ou são *irrealis*. Como o evento não acontece, vários parâmetros da transitividade deixam de ser marcados positivamente.

O estatuto informacional da oração causal foi, também, fundamental na avaliação, isto é, a função da oração causal, nos casos analisados, por conter uma informação nova, foi a de complementar o sentido do conteúdo escolar ministrado nas aulas e nas apresentações de trabalho (*corpus* desta pesquisa). Pode-se dizer, nesse caso, que o estatuto informacional das adverbiais contribui e reafirma a ideia de realce de suas orações-núcleo, confirmando o que foi constatado no exame das orações causais como *fundo*.

No *corpus* analisado, das 127 orações causais, 78,0% delas possuem informação nova e, destas, todas são pospostas.

No exemplo a seguir, a oração causal aparece justamente para apresentar a informação nova. Percebe-se que a informação não fazia parte do conhecimento do interlocutor.

(26) ... a água molha bem a superfície aí das partículas .. porque **tem afinidade com glicerina**,

Dessa forma, observa-se que a maioria das ocorrências de orações causais pospostas acontece como forma de apresentar a informação nova, reforçando a ideia de informação que salienta o conteúdo expresso na oração-núcleo.

Esses dados confirmam o exposto por Pezatti (1994), pois segundo ela, as orações do plano de fundo podem estar em qualquer lugar do discurso, contribuem para a montagem do cenário, dão suporte para o desenvolvimento discursivo, possibilitam mudança de tópico e introduzem informação nova, além de indicar situações descritivas/estáticas/imperfectivo.

Com relação à posição das orações causais, os resultados dos dados apontam que 89,8% das orações causais são pospostas e 10,2% são antepostas às orações-núcleo. Segue um exemplo de oração causal posposta:

(30) .. nós chamamos .. esse potencial total aqui .. de potencial zeta. .. alguém já ouviu falar do potencial zeta? [63:48] .. potencial .. eletro-cinético .. zeta, .. **porque as cargas estão sempre movimentando,**

Por meio do exemplo, observa-se que a oração posposta, ao ocupar essa posição, complementa a informação compartilhada na oração núcleo.

Sobre a posição, vale ressaltar a relação com o estatuto informacional, pois todas as antepostas possuem informação dada e, das orações pospostas, 87,7% possuem informação nova, 9,6% possuem informação acessível, mas 2,6% possuem informação dada.

Como constatado, aspectos como estatuto informacional e posição estão relacionados. Além disso, segundo Neves (2000, p.816), “Uma verificação superficial da relação causa-efeito, ou causa-consequência, pode induzir à preconização de uma motivação icônica que favoreça a anteposição da expressão de causa em relação à consequência”. Nota-se nos últimos exemplos que, diferente de outras orações já analisadas, os conteúdos entre as combinações acima apresentadas não estão “causalmente” tão relacionados, como relação de causa-consequência, são relações mais frouxas, sem tanto compromisso com o conteúdo da oração-núcleo.

## 5. Considerações finais

O presente trabalho, com o objetivo de detectar os planos discursivos em orações hipotáticas adverbiais causais e suas orações-núcleo, realizou uma análise baseada na transitividade fundamentada em Hopper & Thompson (1980). Para tal análise, utilizou-se um *corpus* composto de 10 elocuições formais em que foram participantes professores e alunos universitários de Maringá (PR). Das elocuições, foram retiradas as 127 combinações oracionais submetidas à análise.

A hipótese inicial de que as orações hipotáticas causais, por sua natureza descritiva, de realçar ou de emoldurar situações, pudessem funcionar como fundo para as orações-núcleo se confirmou. Constatou-se pela a análise dos dados, que, ao selecionarem verbos estativos, que auxiliavam na exposição do conteúdo ministrado em aulas e apresentações de trabalho (elocuições formais), as orações causais codificaram menos parâmetros da escala da alta transitividade do que as suas orações-núcleo que, por sua vez, tiveram um maior grau de transitividade por frequentemente selecionarem verbos de ação. Nesse sentido, portanto, as orações causais funcionaram como fundo para as orações-núcleo. Em geral, percebeu-se que os falantes utilizaram as orações adverbiais causais como recurso linguístico para a explicitação do conteúdo, no sentido de explicar, de detalhar, enfatizar ou até mesmo reforçar a idéia do que foi exposto na oração núcleo.

Acredita-se que a predominância de verbos estativos nas orações causais se deu em função da natureza do gênero investigado. Sobre essa questão de gênero e as orações hipotáticas, Decat (2001, p. 162) comenta sobre uma possível diferenciação entre os tipos de discurso analisados, quer quanto à incidência de anteposições e posposições, quer quanto ao tipo de combinação hipotática predominante em cada um deles. Dessa forma, reforça-se a ideia de se analisar o comportamento das orações em diferentes gêneros textuais.

Acredita-se, portanto, que fatores externos à língua contribuíram para tal constatação. Isso quer dizer que o falante organiza seu discurso de acordo com o conteúdo em questão, de acordo com uma opinião que pretende informar ou, ainda, como forma de comentar, analisar sua própria proposição.

Dessa forma, sobre as relações causais, evidenciou-se no *corpus* que as orações exercem diferentes funções em decorrência dos domínios em que se encontram, ou seja, as orações causais que funcionam como *fundo* tendem a aparecer no domínio do conteúdo, enquanto as orações causais que funcionam como *figura*, pela frouxa relação entre as combinações, funcionam no domínio dos atos de fala.

No que diz respeito ao estatuto informacional das orações causais, constatou-se a recorrência de orações com informação nova. Essa constatação contribuiu para a explicação

do que acontece nas orações causais, pois observou-se que, a maioria das ocorrências de orações causais com informação nova e posposta acontece como forma de reforçar a ideia do conteúdo expresso na oração-núcleo

Observou-se, de forma geral, que a organização estrutural das orações causais depende de fatores pragmáticos. Isso pôde ser evidenciado pela análise da transitividade que, ao investigar os itens gramaticais da oração, determinou o seu relevo discursivo.

## 6. Referências

CHAFE, W. *Givennes, Contrastiveness, Definiteness, Subjects, Topics and Point*. In: Li, Charles (ed.). *Subjects and Topic*. Nova York: Academic Press, 1976. p.25-36

CUNHA, M.A.F. et al. *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

CUNHA, M.A.F; SOUZA, M.M. *Transitividade e seus contextos de uso*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

CUNHA, C.; CINTRA, L.F.L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 4.ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007.

DECAT, M.B.N. *Aspectos da gramática do português: uma abordagem funcionalista*. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2001.

GIVÓN, T. *Functionalism and grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

HALLIDAY, M.A.K. *Explorations in the Functions of Language*. Londres: Edward Arnold, 1973 (1973a).

\_\_\_\_\_. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold Publishers, 1985.

HOPPER, P.; THOMPSON S. *Transitivity in grammar and discourse*. *Language*, Washington, v.56, n.2, p.252-299, 1980.

IGNÁCIO, S. E. *Análise sintática em três dimensões*. Franca, SP: Ribeirão. Gráfica e Editora, 2002.

KOCH, I.G.V; SOUZA E SILVA, M.C.P. *Atividades de composição do texto falado: a elocução formal*. In: CASTILHO, A.T.; BASÍLIO, M. (orgs.) *Gramática do Português Falado*, v. IV: Estudos Descritivos. Campinas/São Paulo: Ed. Da Unicamp/FAPESP, 1996. p. 379-410

MARTELOTTA, M; AREAS, E. *A visão funcionalista da linguagem no século XX*. In: CUNHA et al. *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

NEVES, M. H. M. *A Gramática Funcional*. S. Paulo: Martins Fontes, 1997.

\_\_\_\_\_. (org.) *Gramática do português falado*. V. 7. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, Campinas: Editora da Unicamp. 1999.

\_\_\_\_\_. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

\_\_\_\_\_. (org.). *Descrição do Português: definindo rumos de pesquisa*. Laboratório Editorial UNESP. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2001.

PEZATTI, E.G. O funcionalismo em lingüística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A.C. *Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2004.

SWEETSER. E. *Conditionals*. In: *From Etymology to Pragmatics*. Cambridge, Cambridge Univ. Press, 1990, p. 113-144.